





## REDAÇÃO

### **A arte imita a vida ou a vida imita a arte?**

Formule uma resposta para essa questão, produzindo um texto dissertativo-argumentativo de cerca de 25 linhas em que você apresente e justifique a sua posição. O texto produzido deve ser claro, coerente e conter uma argumentação bem fundamentada. Dê um título criativo ao seu texto. Serão valorizadas a pertinência e a originalidade de seus argumentos.

A seleção de textos a seguir – um poema, um trecho de artigo e fragmentos de um romance – tem por objetivo ajudá-lo a desenvolver suas próprias ideias para responder à questão proposta. Não devem, portanto, ser reproduzidos na sua redação.

**NÃO ASSINE.**

### **Texto 1**

Casamento

Há mulheres que dizem:

Meu marido, se quiser pescar, pesque,  
Mas que limpe os peixes.

Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,  
Ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

É tão bom, só a gente, sozinhos na cozinha,  
De vez em quando os cotovelos se esbarram,  
ele fala coisas como 'este foi difícil'

'prateou no ar dando rabanadas'

e faz o gesto com a mão.

O silêncio de quando nos vimos a primeira vez  
Atravessa a cozinha como um rio profundo.

Por fim os peixes na travessa,  
vamos dormir.

Coisas prateadas espocam:

Somos noivo e noiva.

PRADO, Adelia. Casamento. In: MORICONI, Ítalo. *Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século*. São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 252.

### **Texto 2**

Criatividade é inventar. Fazer existir coisa que não existia. Nós inventamos músicas, roupas, armas, comidas, técnicas, jogos, brinquedos, livros. Essas coisas não existiam. Os animais, ao contrário, desejam que nunca haja mudanças. As mudanças, imperceptíveis, acontecem à revelia do que eles possam pensar. Animal não pensa, não precisa pensar. O pensamento é a busca do que não existe; a gestação do que não existe, o não existente, de forma virtual, antes de existir de forma real. [...] Agora o absurdo, o contraponto, o tema invertido: os homens precisam pensar e criar porque eles são imperfeitos. Pensamento e criatividade nascem da imperfeição. Como os animais, os homens são também melodias. Melodias interrompidas, melodias inacabadas, como *A arte da fuga*, de Bach – ele morreu, antes de terminar – ou a sinfonia inacabada de Schubert. Deus (ou a evolução) compôs só um pouquinho, muito pouco – escolheu os instrumentos da orquestra, tocou a introdução e, com um sorriso matreiro na boca, disse para a melodia assim iniciada: 'Termine-se! Se você não terminar, você vai desaparecer!' E essa é a história da humanidade: os homens, as culturas, tentando continuar a composição inacabada.

ALVES, Rubem. *Lições do velho professor Rubem Alves*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2013. p. 162-163.



### **Texto 3**

O esforço para manter um contato, mínimo que seja, com as palavras, leva-me a sugerir que nos aventuremos a trabalhar um conto juntos. Ela entende do assunto: ao longo da vida, publicou três livros de contos e poesias.

- Um conto, meu filho? – indaga interessada. – Você tem certeza?

Proponho que nos inspiremos em nossas caminhadas no calçadão e que nos limitemos a frases curtas, usando cores distintas. Uma para ela, outra para mim.

Ela lança um olhar desconfiado para as quatro canetas que coloco a sua disposição sobre a toalha: vermelha, negra, azul e verde. Depois de hesitar um pouco, examina as inscrições na lateral de cada uma, confere as pontas de feltro, coloca e retira suas tampas – até que empunha a vermelha. Por meu lado, seleciono a azul.

O *Sindicato do Chope estava vazio quando chegamos*, sugiro a título de abertura. Ela examina minha frase, como se necessitasse dar um parecer sobre uma matéria complexa e controvertida. Por fim suspira, um ar de reprovação estampado na face: Mas é claro que estava vazio – reclama -, de manhã não tem ninguém por lá.

- Eu sei mamãe. Mas escreve. Isso, ou o que te passa pela cabeça.

O *Sindicato do Chopp estava vazio quando chegamos. Os garçons limpavam a mesa com um pano sujo*.

Relê o texto, não parece satisfeita. Balança a cabeça, um muxoxo nos lábios, e se debruça novamente sobre as palavras. Emenda com grande esforço: *Os garçons limpavam as mesas com seus panos sujos*. Cumprida a primeira tarefa, olha-me com satisfação. Sua frase está meio borrada e cheia de rasuras, mas representa um inegável triunfo. É cedo, contudo, para cumprimentá-la. Agrego uma variável a nossa saga:

*Foi quando o casal entrou.*

Ela ri e alerta:

- Veja lá o que você vai fazer com esse casal!

- O que vamos fazer, mamãe...- replico sério – o que vamos fazer.

- Eu cuido dos garçons – ela avisa- , você cuida do casal.

Trata-se de razoável divisão de tarefas. Sua letra, de início trêmula e indecisa, vai aos poucos conquistando certa firmeza. Quando chegamos ao pé da terceira página nossos personagens já brigaram e fizeram as pazes ( “onde se viu beber cerveja a essa hora??” – bradara um dos garçons, para total perplexidade do casal), mas mamãe está visivelmente cansada.

- Chega, meu filho, não aguento mais esses chatos! [...]

Peço licença a minha mãe para incluir nosso conto em meu romance.

- Seu romance? – ela pergunta intrigada. – Nosso conto?

Falo sobre meu livro, em linhas muito gerais, de como venho navegando história adentro, explorando meandros e desvios, lidando com personagens reais ou imaginários, sem que consiga distingui-los com clareza, e até gostando dos espelhos – que lembram tantos outros.

É um risco calculado, esse que tomo, ao misturar realidade e ficção frente a seus olhos, como se estivesse preparando a salada de nosso almoço. Ela me escuta, imóvel no sofá. Não tenho como saber se viaja comigo. A rigor, de todo meu círculo de relações, apenas ela tem condições de me entender, dado o estado em que se encontra. Vive imersa em um mundo no qual meus personagens nascem, crescem e, por vezes, morrem. Ninguém se encontra mais dentro de minha história, ainda que tudo ignore de seus detalhes.

- Se você quer saber a verdade, meu filho – ela comenta depois de um momento -, acho que ele já está lá. Nosso conto. No seu romance.

É dela que vem o azeite da nossa salada. aguardo que outras frases se sucedam a essa. Mas ela se cala. Deu seu recado. Cabe a mim digeri-lo.

RIBEIRO, Edgard Telles. *Um livro em fuga*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 87; p.98







## PORTUGUÊS E LITERATURA BRASILEIRA

### Texto 1

[...] Um artista só pode exprimir a experiência daquilo que seu tempo e suas condições sociais têm para oferecer. Por essa razão, a subjetividade de um artista não consiste em que a sua experiência seja fundamentalmente diversa da dos outros homens de seu tempo e de sua classe, mas consiste em que ela seja mais forte, mais consciente e mais concentrada. A experiência do artista precisa apreender as novas relações sociais de maneira a fazer que outros também venham a tomar consciência delas [...]. Mesmo o mais subjetivo dos artistas trabalha em favor da sociedade. Pelo simples fato de descrever sentimentos, relações e condições que não haviam sido descritos anteriormente, ele canaliza-os do seu "Eu" aparentemente isolado para um "Nós"; e este "Nós" pode ser reconhecido até na subjetividade transbordante da personalidade de um artista. Esse processo, todavia, nunca é um retorno à primitiva coletividade do passado; ao contrário, representa um impulso na direção de uma nova comunidade cheia de diferenças e tensões, na qual a voz individual não se perde numa vasta unissonância. Em todo autêntico trabalho de arte, a divisão da realidade humana em individual e coletiva, em singular e universal, é interrompida; porém é mantida como fator a ser incorporado em uma unidade recriada.

Só a arte pode fazer todas essas coisas. A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro, total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. A arte, ela própria, é uma realidade social. A sociedade precisa do artista, este supremo feiticeiro, e tem o direito de pedir-lhe que ele seja consciente de sua função social. Tal direito nunca foi discutido numa sociedade em ascensão, ao contrário do que ocorre nas sociedades em decadência. A ambição do artista que se apoderou das ideias e experiências do seu tempo tem sido sempre não só de representar a realidade como a de plasmá-la. O Moisés de Michelangelo não era só a imagem artística do homem do Renascimento, a corporificação em pedra de uma nova personalidade consciente de si mesma. Era também um mandamento em pedra dirigido aos contemporâneos de Michelangelo e a seus dirigentes: "É assim que vocês precisam ser. A época em que vivemos o exige. O mundo a cujo nascimento presenciamos o requer".

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 56-57.

### QUESTÃO 1(2,0 PONTOS)

a) Com base na leitura do texto 1, explique a relação que se estabelece entre subjetividade artística e realidade social.

---

---

---

---

b) Identifique o referente de cada um dos pronomes assinalados no seguinte trecho do texto 1: "Pelo simples fato de descrever sentimentos, relações e condições que não haviam sido descritos anteriormente, ele canaliza-os do seu 'Eu' aparentemente isolado para um 'Nós'[...]". (linhas 6-8)

---

---

---

---



**Texto 2**

**As Fratrias Orfãs**

Os *Racionais MC's* falam diretamente a um país que reproduz diariamente, numa velocidade de linha de montagem industrial, a violenta exclusão de milhares de jovens e crianças que [...] não encontram nenhuma oportunidade de sair da marginalização em que se encontram. Milhares de crianças e jovens cujas vidas correm o risco de ser apenas o "efeito colateral que o seu (meu!) sistema fez" ("Cap.4, Versículo 3"- Mano Brown). É a capacidade de simbolizar a experiência de desamparo destes milhões de periféricos urbanos, de forçar a barra para que a cara deles seja definitivamente incluída no retrato atual do país (um retrato que ainda se pretende doce, gentil, miscigenado), é a capacidade de produzir uma fala significativa e nova sobre a exclusão, que faz dos *Racionais MC's* um importante fenômeno musical de massas do Brasil dos anos 1990.

[...] Um trecho, quase no final de "A fórmula mágica da paz", é dos poucos - senão o único - em que o Rap dos *Racionais* permite alguma sublimação dos sentidos, algum sentimento de elevação ou de alegria. Afinal, não é isto que o "ritmo e poesia" deveriam nos proporcionar? Mas não. Nenhuma exaltação, nenhuma referência sublime são possíveis a uma arte que tem por principal função tentar simbolizar um cotidiano que se depara todo o tempo com o nó duro do *real*, no sentido que a psicanálise lacaniana atribui à palavra: o indizível, o que está além da capacidade de elaboração pela linguagem, o que nos escapa sempre.

O real domina a vida da periferia. [...] Enquanto isso, alguns raros momentos de contemplação são contrabandeados pelas brechas de uma vida que não oferece nada de graça. Acordar cedo, sentir a brisa, ver o sol nascer. O céu está cheio de pipas: como uma *madeleine* dos pobres, a visão dos quadradinhos coloridos lá no alto evoca a infância, o tempo perdido, a inocência que ficou para trás. Mas as pipas são também a criação de um espaço virtual para a beleza, neste "campo minado" sem pontos de luz. As pipas obrigam o olhar a se manter acima da miséria, na direção de um céu que não é o céu da morte, de Deus e das almas; é o céu dos vivos. O céu que as crianças enfeitam com poucos recursos, cola, papel de seda e linha; céu da linguagem, céu humano. O céu cheio de pipas da periferia é uma interferência estética sobre a miséria e a recusa da desumanização que ela promove. Como a música, que só precisa das ondas do ar para existir e repercutir, como os versos quilométricos do Rap, as pipas da molecada representam a ultrapassagem do reino da necessidade e do puro tempo imediato, sem passado e sem futuro, a que a necessidade nos reduz. No poema de Brown, o céu cheio de pipas surge como evocação da infância e projeção para um tempo futuro ("diz aí! - o tempo não para"), um "fora daqui/aqui mesmo", um real tornado manso pela força da cultura.

KEHL, Maria Rita. Radicais, Raciais, Racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo. **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, v. 13, n. 3, Sept. 1999. <http://www.scielo.br/> Acesso em 11/06/2013.

**QUESTÃO 2 (2,0 PONTOS)**

a) O texto 2, de Maria Rita Kehl, faz referência ao trabalho desenvolvido pelo grupo brasileiro de rap *Racionais MC's*, fundado na periferia de São Paulo. Explique a relação que pode ser estabelecida entre o texto de Kehl e o texto 1, de Ernst Fischer.

---

---

---

---



b) Reescreva a passagem a seguir, atendendo à modificação proposta:

"A sociedade precisa do artista, este supremo feiticeiro, e tem o direito de pedir-lhe que ele seja consciente de sua função social." (linhas 17-19, texto 1)

*A sociedade precisava do artista* \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### Texto 3

#### Odabeb

Contam de Murilo Mendes que um dia ele ia passando com um amigo por uma rua de Botafogo quando viu uma mulher na janela de um sobrado. Deu uma coisa no poeta, ele se deteve na calçada fronteira, ergueu o braço e gritou:

5 - Meus parabéns, minha senhora. Está uma coisa belíssima! Mulher na janela! Há muito tempo não se via! Está belíssimo!

A senhora, assustada, fechou a janela bruscamente, achando que estava diante de um louco. Mas o poeta prosseguiu seu caminho com o sentimento do dever cumprido.

10 Também contam que um bêbado ia pela rua e um enorme jacaré ia atrás dele. Cada vez que o homem entrava em um bar o jacaré gritava: bêbado! Quando o homem saía de um bar para entrar em outro, o jacaré gritava outra vez: bêbado! Até que uma hora o homem perdeu a paciência, agarrou o jacaré pelos queixos e o virou pelo avesso, jogando-o a um canto da calçada. Quando saiu do bar o jacaré lhe disse - odabeb! - que é bêbado de trás para diante. Há outras histórias, mas penso nessa.

15 Não matamos o nosso jacaré, nem nenhum outro bicho; apenas o que fazemos é virá-lo pelo avesso, o que é lamentável, mas ineficiente.

20 E a última mulher na janela foi lá dentro atender ao telefone. Os prédios são altos e se espreitam traiçoeiramente com binóculos na sombra. E como todo mundo tem mais o que fazer, os poetas se tornam incômodos. Virá-los pelo avesso não é solução. Eles não silenciam - e você, que não entende os versos, pensa que ele não está querendo dizer nada. Mas "se meu verso não deu certo foi teu ouvido que entortou", disse um mestre. Os pintores também foram virados pelo avesso, mas continuam a pintar tudo tão insistentemente que, vendo suas telas, uma pessoa mal informada pode pensar que o mundo é que foi virado ao contrário.

BRAGA, Rubem. "Odabeb" [abril de 1951]. In: *A borboleta amarela*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1980; p. 72-73.

#### QUESTÃO 3 (2,0 PONTOS)

O texto "Odabeb", de Rubem Braga, é uma crônica. Escreva duas características desse gênero textual, retirando um exemplo do texto para ilustrar cada uma delas.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_





**Texto 4**

**Cântico  
Murilo Mendes**

Homens, irmãos de todos os tempos e países,  
Formamos juntos um vasto Corpo  
Estendido na história através das gerações.  
É no partir do pão que reconhecemos o Senhor,  
5 Na fração da amizade, dos bens mútuos, das palavras de consolo,  
Na fração das palavras do poeta, das danças do dançarino, do canto do  
músico.  
É a nós, guias, que compete abrir as portas das prisões,  
É a nós que compete transformar as espadas em arados,  
10 É a nós que compete fazer diminuir  
O temor e o tremor espalhados pelo mundo.

MENDES, Murilo. *Poesia Completa & Prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995; p 330. Murilo Mendes (1901-1975)]

**QUESTÃO 4 (2,0 PONTOS)**

**a)** Que relação se pode estabelecer entre o título e o poema de Murilo Mendes?

---

---

---

**b)** No último verso do poema de Murilo Mendes, pode-se observar o emprego de um recurso fonológico da língua. Identifique-o.

---

**c)** Retire do último parágrafo do **texto 1** o período que traduz a ideia contida nos quatro últimos versos do poema de Murilo Mendes.

---

---

---

**QUESTÃO 5 (2,0 PONTOS)**

Faça o que é proposto em cada um dos itens abaixo.

**a)** Ainda que se perca o estilo do cronista, reescreva a frase que dá início ao texto de Rubem Braga de outra maneira, sem que haja alteração do sentido.

**Contam de Murilo Mendes que um dia ele ia passando com um amigo por uma rua de Botafogo quando viu uma mulher na janela de um sobrado.**

---

---

---



**b)** Reescreva o período abaixo da maneira proposta a seguir, mantendo a relação de sentido que existe entre as suas orações.

**“E como todo mundo tem mais o que fazer, os poetas se tornam incômodos.”** (linhas 16-17, texto 3)

Todo mundo tem mais o que fazer \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**c)** Como ficaria a frase “A época em que vivemos o exige.”, se substituíssemos o verbo **viver** pelo verbo **pertencer**?

\_\_\_\_\_

**d)** Observe o modelo:

“Tal direito nunca foi discutido numa sociedade em ascensão, ao contrário do que ocorre nas sociedades em decadência.” (linhas 19-20, texto 1)

*Nunca se discutiu tal direito numa sociedade em ascensão, ao contrário do que ocorre nas sociedades em decadência.*

Reescreva o trecho a seguir, empregando o pronome **se**.

**“[...] este ‘Nós’ pode ser reconhecido até na subjetividade transbordante da personalidade de um artista.”** (linhas 8-9, texto 1)

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



## ESPAÑOL

### Insectos para picar

La alta cocina no encuentra hueco para los insectos, es un bocado que los occidentales no acaban de tragar.

Un aperitivo de escamoles, pan de mopane y una parrillada mixta de picudo rojo y langostas. Podría ser el menú sugerido por la Agencia para la Alimentación y la Agricultura de la ONU (FAO) en su última propuesta para ayudar a combatir el hambre en el mundo. Pero salvo para los devotos de lo exótico, en España, por ejemplo, lo más probable es que tuviera poca aceptación. El jamón está muy bueno, y la idea de sustituirlo, si el hambre aprieta, por huevas de hormigas (el escamole, también llamado el caviar mexicano); pan de larvas de polillas (las del árbol del mopane surafricano) y gusanos de escarabajo y saltamontes, no parece que vaya a ser muy exitosa.

Sin embargo, el menú sugerido no es la extravagancia de un chef de la nueva cocina, aunque alguno ha coqueteado con el uso de insectos para la comida. Se trata de una opción más ante un problema inminente: "En 2050 habrá 2.000 millones de personas más en el mundo, y tendrán que comer lo mejor posible", dice Eduardo Rojas, director forestal de la FAO. Tras explotar al máximo los actuales animales domésticos, llevar al borde de la extinción a la mayoría de los cuadrúpedos salvajes, sobrepescar los mares y amenazar con desertificar las selvas y otros espacios naturales, las algas y los insectos son de los últimos nichos por explorar. Y estos últimos son una fuente abundante, barata y segura de proteínas, grasas y nutrientes. Por ejemplo, un estudio de 2002 del entomólogo Marvis Harris calcula que 100 gramos de hamburguesa tienen menos de la mitad de calorías que la misma cantidad de termitas africanas, un 50% menos de proteínas y un tercio de grasas. "Y los insectos son, además, baratos y ecológicos", añade Rojas.

"Llevamos años estudiando el aprovechamiento no maderable de los bosques, y por eso creamos un grupo para estudiar otras opciones", dice Rojas. En el fondo, no han hecho más que recoger lo que ya sucede "en el sureste asiático, en México y en las selvas del Congo". En total, la FAO calcula que ya hay 2.000 millones de personas que comen insectos de una manera habitual —la mayoría por pura necesidad, eso sí—, y que hay más de 1.900 especies de insectos que se consumen.

Y todavía, son pocas. No se sabe siquiera cuántas especies de insectos hay en el mundo. Se calcula que si se pusieran en una balanza todos los existentes, pesarían más que el conjunto de todos los otros animales. "Pero no todas las especies son comestibles, claro", matiza Rojas. "Por ejemplo, el gusano de seda, que es probablemente el que mejor sabemos criar en cautividad, no lo es; y la procesionaria, tan frecuente en los bosques mediterráneos, tiene un potente veneno", advierte.

"Hay que aumentar la calidad de la alimentación de las clases medias emergentes de los países pobres", dice Rojas. Estas "se van pasando a dietas con más proteína animal, pero eso supone un riesgo enorme si replicamos nuestro modelo, incluso aunque opten por las carnes más baratas, la del pollo y la del cerdo", añade. Y apunta dos peligros claros si se quiere alimentar igual y con las mismas especies a toda la humanidad: la deforestación y la emisión de metano, un gas de efecto invernadero cuya primera fuente son las flatulencias animales. A cambio, las posibles granjas de insectos —alguna hay ya en Laos, Tailandia y Camboya— tienen la ventaja de que ofrecen una proteína "mucho más barata", "en menos espacio", más eficaz energéticamente (en algunos saltamontes se produce un kilo de proteína por dos de hierba; la proporción en vacas es de 1 a 20) y además pueden servir también para piensos de otros animales, añade Rojas.

Claro que no todo son ventajas. Para empezar, hay un problema de aceptación. La FAO da una explicación de por qué los países occidentales no tienen costumbre de comer insectos: "De las 15 especies de grandes herbívoros, 14 [vacas, ovejas, cabras, caballos, cerdos, camellos...] se domesticaron en el Oriente Medio", por lo que no hizo falta buscar otras proteínas.

Rojas cree, sin embargo, que esa batalla puede ganarse. "Si comemos caracoles —aunque se trate de moluscos—, por qué no vamos a comer saltamontes", dice.

Además, insiste en que ese no es el objetivo. "En Occidente viven más o menos mil millones de personas, y el número se va a mantener estable; tenemos el suministro asegurado porque somos prácticamente autosuficientes. Aquí, comer insectos es algo exótico. Pero puede conseguirse si los grandes cocineros ponen su creatividad en juego y lo promocionan"



55 Roberto Ruiz Vélez, jefe de cocina del restaurante mexicano Punto MX, de Madrid, relata lo que cuesta que los españoles acepten comer insectos. “Los escamoles les gustan; incluso hemos tenido que pedir más suministro, pero son como cacahuetes, no tienen ojos ni patas. Cuando les ven los ojitos les cuesta más”.

60 No es solo cuestión de aspecto o gusto. Ying Long, presidente de la Asociación de Estudiantes Chinos de la Universidad Complutense, admite que él nunca ha comido insectos. “Soy del centro de China, y eso depende de la provincia”, dice. Pero no es solo una cuestión territorial. “Mis padres comían, pero ahora hay menos pobreza”. Esa equiparación entre la alimentación con animales de seis patas y la pobreza puede ser también un lastre, y la idea de dignificarlos como propone Rojas puede ser la alternativa. De todas formas, el propio Ruiz Vélez admite que cuando lo que se busca es un bocado y no solo alimentarse, quizá la oferta de larvas o himenópteros no sea muy atractiva.

65 La idea de la FAO también tiene detractores. “El hambre no se soluciona sacándose de la manga alimentos mágicos como los insectos o la quinua”, afirma Javier Guzmán, director de VSF [Veterinarios sin Fronteras] Justicia Alimentaria Global. “Es verdad que ya hay sitios donde tienen esta alimentación, pero el hambre es un problema político.

70 Para Guzmán, la clave de la desnutrición es el sistema mundial de producción y reparto de alimentos. “Al principio, comer era un derecho; ahora es un negocio especulativo. El mercado está desregulado, y tiene todas las de ganar, porque la gente siempre va a necesitar comer”, resume Guzmán.

75 Las críticas al mercado de Guzmán son compartidas por José Esquinas, ex alto cargo de la FAO y actualmente director de la cátedra de Estudios de Hambre y Pobreza (CEHAP) en la Universidad de Córdoba, pero él les da la vuelta. “Actualmente hay un monopolio o un oligopolio, y todo lo que sea aumentar la diversidad es bueno”. “En el fondo no estamos inventando la rueda. Lo que ha sucedido es que ha habido una uniformización. Por ejemplo, en agricultura, los humanos hemos usado 8.000 especies a lo largo de nuestra historia; hoy solo empleamos unas 150 y cuatro de ellas —trigo, arroz, patata y maíz— aportan el 70% de las calorías. Además, de estas especies cada vez se usan menos variedades. Con lo que hoy se produce se podría alimentar a un 70% más de población, pero hay un problema de acceso. Los alimentos no llegan a la boca de quienes lo necesitan”, analiza.

80 Y, precisamente, por ser esta la situación es por lo que cree útil que se extiendan las granjas de insectos. “Se trata de fomentar la diversidad. Cuantas más fuentes de proteínas y de alimentos haya en general, más difícil será que unos pocos controlen el mercado. Con la diversidad, las grandes empresas pierden el control, que vuelve a manos de los pequeños productores”, dice. “Los insectos son baratos, tienen una gran productividad; pueden ayudar a la solución”.

85 Como se ve, la propuesta de la FAO no está hecha para todos los paladares. Para algunos es tragarse un sapo. Pero en la ONU no tienen dudas: si a buen hambre no hay pan duro, qué menos que una suculenta brocheta de gusanos.

Fuente Emilio de Benito 14 MAY 2013 El País.

**Questão 1** Marque la única alternativa en que la correspondencia semántica no es correcta:

- a) hueco – espacio vacío (línea 1)
- b) saltamontes – animal que salta en las montañas. (línea 9)
- c) bocado – momento difícil (línea 1)
- d) hambre – necesidad de comer (línea 5)
- e) jamón – pierna del cerdo (línea 6)



**Questão 2** En la oración "Sin embargo, el menú sugerido no es la extravagancia de un chef de la nueva cocina, aunque alguno ha coqueteado con el uso de insectos para la comida."(línea 10-11), la conjunción sin embargo establece respecto a la oración anterior una relación de

- a) condición.
- b) consecuencia.
- c) adición.
- d) oposición.
- e) finalidad.

**Questão 3** Llevando en cuenta el sentido completo del texto, la única afirmación equivocada en "Un aperitivo de escamoles, pan de mopane y una parrillada mixta de picudo rojo y langostas" (línea 3) es

- a) una tentativa viable para suplir la falta de alimentos.
- b) conjunto de platos saludables, económicos y fáciles de preparar.
- c) una medida para mejorar los problemas de salud derivados de un consumo alimentario inadecuado.
- d) una acción posible para evitar el consumo excesivo de alimentos ricos en grasas.
- e) un menú creado por un chef extravagante.

**Questão 4** En "las algas y los insectos son de los últimos nichos por explorar." (línea 15-16), marca la alternativa donde la definición propuesta es la que corresponde al sentido de la locución.

- a) Cavidad subterránea o entre las rocas abiertas de manera natural o excavada por un animal o por el ser humano.
- b) Espacio para colocar el ataúd o las cenizas.
- c) Posición ocupada por una especie dentro de un ecosistema.
- d) Segmento del mercado.
- e) Caparazón que recubre algunos insectos.

**Questão 5** En el trecho "En el fondo, no han hecho más que recoger lo que ya sucede" (línea 22-23), tomando en cuenta lo que dice el autor, identifica las sentencias que están de acuerdo con el texto.

I- En realidad, se pretende seguir el camino de otros.

II- Por el contrario, es una innovación original.

III- Ciertamente, nunca se pensó en otras alternativas.

IV- Era necesario estudiar otras opciones creativas.

V- En esencia, quieren repetir lo que ya hacen en otras comunidades.

- a) I y IV
- b) I y V
- c) todas
- d) I y II
- e) I y III



**Questão 6** En “pueden servir también para piensos de otros animales”, (línea 41-42) también podemos decir pueden servir también para

- a) nutrición
- b) medicación
- c) reproducción
- d) fertilización
- e) prevención

**Questão 7** Un jefe de cocina declara que es difícil lograr que sus clientes coman insectos y según el texto, eso ocurre por el sentido

- a) del gusto
- b) del olfato
- c) de la visión
- d) del oído
- e) del tacto

**Questão 8** El texto destaca los riesgos que amenazan al mundo si se mantiene el mismo régimen de alimentación para todos. Señala la línea que determina esas anomalías.

- a) La deforestación y el cambio climático.
- b) Las crisis económicas y la contaminación.
- c) El crecimiento de la población mundial y la falta de agua.
- d) La extinción de las especies y la deforestación.
- e) La degradación forestal y los gases contaminantes.

**Questão 9** El título del artículo es una metáfora que relaciona dos situaciones diferentes. Marca la línea con las dos sentencias que mejor lo explican.

a) Los insectos serán aprovechados para la alimentación.	Los insectos son una fuente de proteínas.
b) Existen insectos que transmiten enfermedades.	Existen insectos que polenizan flores y plantas.
c) Algunos insectos se alimentan al picar.	Algunos seres humanos van a picar insectos.
d) Muchos insectos atacan en forma agresiva.	El problema del mundo no es solo la falta de comida.
e) Los insectos pueden ayudar a paliar el hambre.	Se van a crear granjas de insectos.

**Questão 10** Cuando el autor dice “tragarse un sapo” (línea 85-86) quiere significar

- a) sentirse segregado.
- b) soportar una situación desagradable.
- c) quedarse azorado.
- d) sentir dolor por morderse la lengua al comer.
- e) Comer un plato a disgusto.



INGLÊS

**Is It Better to Walk or Run?**

By GRETCHEN REYNOLDS

Walking and running are the most popular physical activities for American adults. But whether one is preferable to the other in terms of improving health has long been debated. Now a variety of new studies that pitted running directly against walking are providing some answers. Their conclusion? It depends almost completely on what you are hoping to accomplish.

If, for instance, you are looking to control your weight, running wins, going away. In a study published last month in *Medicine & Science in Sports & Exercise*, and unambiguously titled “Greater Weight Loss From Running than Walking,” researchers combed survey data from 15,237 walkers and 32,215 runners enrolled in the National Runners and Walkers Health Study — a large survey being conducted at Lawrence Berkeley National Laboratory in Berkeley, California.

Participants were asked about their weight, waist circumference, diets and typical weekly walking or running mileage both when they joined the study, and then again up to six years later. The runners almost uniformly were thinner than the walkers when each joined the study. And they stayed that way throughout. Over the years, the runners maintained their body mass and waistlines far better than the walkers.

The difference was particularly notable among participants over 55. Runners in this age group were not running a lot and generally were barely expending more calories per week during exercise than older walkers. But their body mass indexes and waist circumferences remained significantly lower than those of age-matched walkers.

Why running should better aid weight management than walking is not altogether clear. It might seem obvious that running, being more strenuous than walking, burns more calories per hour. And that’s true. But in the Berkeley study and others, when energy expenditure was approximately matched — when walkers head out for hours of rambling and burn the same number of calories over the course of a week as runners — the runners seem able to control their weight better over the long term.

One reason may be running’s effect on appetite, as another intriguing, if small, study suggests. In the study, published last year in the *Journal of Obesity*, nine experienced female runners and 10 committed female walkers reported to the exercise physiology lab at the University of Wyoming on two separate occasions. On one day, the groups ran or walked on a treadmill for an hour. On the second day, they all rested for an hour. Throughout each session, researchers monitored their total energy expenditure. They also drew blood from their volunteers to check for levels of certain hormones related to appetite.

After both sessions, the volunteers were set free in a room with a laden buffet and told to eat at will. The walkers turned out to be hungry, consuming about 50 calories more than they had burned during their hour-long treadmill stroll. The runners, on the other hand, picked at their food, taking in almost 200 calories less than they had burned while running.



40 Of course, few walkers match the energy expenditure of runners. “It’s fair to say that, if you plan to expend the same energy walking as running, you have to walk about one and a half times as far and that it takes about twice as long,” said Paul T. Williams, a staff scientist at Lawrence Berkeley National Laboratories and the lead author of all of the studies involving the surveys of runners and walkers.

45 On the other hand, people who begin walking are often more unhealthy than those who start running, and so their health benefits from the exercise can be commensurately greater. “It bears repeating that either walking or running is healthier than not doing either,” Dr. Williams said, whatever your health goals.

Adapted from <http://well.blogs.nytimes.com/2013/05/29/is-it-better-to-walk-or-run/?ref=health>  
May 29, 2013

**Questão 1** The author’s main purpose in this text is to

- a) evaluate the impact of physical activity on obese volunteers in an American study.
- b) reveal that walkers burn more calories and control their weight better than regular runners.
- c) encourage runners to walk more often and for longer periods to expend more energy.
- d) compare the health benefits of walking and running based on recent scientific research.
- e) alert people to the fact that intense running workouts decrease calorie consumption.

**Questão 2** The study titled “Greater Weight Loss From Running than Walking” showed that

- a) walkers tend to be thinner than runners, no matter how old they are.
- b) walkers over 55 expend more calories per week than runners of the same age.
- c) runners are more capable of controlling their weight for longer periods of time.
- d) both runners and walkers can keep a good control of their waist circumferences.
- e) neither runners nor walkers face problems with weight control or loss of appetite.

**Questão 3** Participants in the survey at Lawrence Berkeley National Laboratory were inquired about all the items below, EXCEPT

- a) motivations for running or walking
- b) walking or running habits
- c) waist measurement
- d) eating habits
- e) weight





**Questão 4** In the fragment “— when walkers head out for hours of rambling” (lines 24-25), “**head out**” can be substituted by

- a) wait
- b) leave
- c) search
- d) decide
- e) prepare

**Questão 5** In the fragment “It might seem obvious that running ...” (line 22), “**might**” expresses an idea of

- a) advice
- b) capacity
- c) obligation
- d) permission
- e) possibility

**Questão 6** Based on the meanings expressed in the text, it is correct to affirm that

- a) “notable” (line 17) and **insignificant** are synonyms.
- b) “barely” (line 18) and **scarcely** are antonyms.
- c) “altogether” (line 22) and **entirely** do not express similar ideas.
- d) “strenuous” (line 22) means the same as **demanding**.
- e) “throughout” (line 32) does not mean **all over**.

**Questão 7** Mark the **CORRECT** statement concerning reference.

- a) In “Over the years, the runners maintained **their** body mass and waistlines far better than the walkers” (lines 15-16), “**their**” refers to “walkers”.
- b) In “But their body mass indexes and waist circumferences remained significantly lower than **those** of age-matched walkers.” (lines 19-20), “**those**” refers to “mass indexes and waist circumferences”.
- c) In “On the second day, **they** all rested for an hour.” (lines 31-32), “**they**” refers only to “female walkers”.
- d) In “Throughout each session, researchers monitored **their** total energy expenditure.” (lines 32-33), “**their**” refers to “researchers”.
- e) In “**They** also drew blood from their volunteers to check for levels of certain hormones related to appetite.” (lines 33-34), “**They**” refers to “female runners”.

**Questão 8** In the fragment “After both sessions, the volunteers were set free in a room with a laden buffet and told to eat at will.” (lines 35-36), the expression “eat at will” means that the volunteers were told to eat

- a) at once
- b) at intervals
- c) in a future time
- d) from time to time
- e) any time they wanted to



**Questão 9** In the fragment "On the other hand, people who begin walking are often more unhealthy than those who start running,..." (lines 45-46), "**on the other hand**" can be substituted by all the expressions below, EXCEPT

- a) "However"
- b) "Conversely"
- c) "As a result"
- d) "Nevertheless"
- e) "On the contrary"

**Questão 10** According to the fragment "... if you plan to expend the same energy walking as running, you have to walk about one and a half times as far and that it takes about twice as long" (lines 41-42), it is correct to say that to expend the same amount of energy,

- a) walkers need to exercise half the time runners do.
- b) walkers need to exercise longer and farther than runners.
- c) runners need to spend more time exercising than walkers.
- d) runners need to exercise twice as much as walkers.
- e) runners and walkers need to exercise for the same amount of time.